

# O OCASO DO RACIONALISMO E A PERSPECTIVA ERÓTICA NO EMPREENHIMENTO ETNOGRÁFICO: POR UMA CIÊNCIA DO TESÃO

*Gleiton Mathews Bonfante*

**RESUMO:** As vozes que questionam o positivismo e a inabilidade de seus instrumentos teórico-analíticos em conceitualizar o dinamismo do mundo contemporâneo vem de distintos lugares com agendas diversas. Um compromisso ético, que reconheça o caráter ideológico e subjetivo da empresa científica e acredite na negociação dos limites da participação na interação e uma agenda política, responsável pelos efeitos da pesquisa, comprometida com a mudança e com a desnortivização da sociedade estão entre essas vozes de mudança e entre as perspectivas discutidas no texto. Advogando uma metodologia híbrida, indisciplinar que respeita as sensações e sentimentos como legítimos produtores de saber e que aposta no desejo e no erotismo como fonte de inspiração, é discutida a necessidade de desaprender enferrujados paradigmas para que as teorizações sociais não sejam anacrônicas ao seu tempo. Será defendido o reconhecimento da subjetividade, do corpo e dos desejos do investigador como inflexões de produção de conhecimento. Assim como estão em pauta a produção e sustentação da distinção entre sujeito e objeto na narrativa científica, o nível de envolvimento do pesquisador com práticas estudadas e os efeitos de sua presença no campo. Alguns desafios pós-modernos à etnografia serão discutidos com base nos exemplos extraídos de uma netnografia sexual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguística Aplicada Indisciplinar; Teoria Queer, Etnografia virtual; Aplicativos de pegação; Grindr; Desejo e Sexualidade; Interdisciplinaridade.

**ABSTRACT:** Voices that question positivism and the inability of its theoretic-analytic instruments to conceptualize the dynamism of the contemporary world come from different places with various agendas. Ethical commitment which recognizes the

ideological and subjective nature of scientific enterprise and believes that boundaries of participation are not pre-arranged, as well as a political agenda, responsible for the social effects of research and devoted to change and to denormatizing society are among these voices and among the perspectives discussed in the text.

Arguing for a hybrid and undisciplinary methodology which respects sensations and feelings as rightful producers of knowledge, and which salutes desire and eroticism as sources of inspiration, we discuss the need for unlearning rusty paradigms in order to prevent social theorization from becoming anachronic.

Recognition of subjectivity, of the body and of the researcher's desires will be advocated as inflexions of the production of knowledge. The researcher's level of involvement with the practices they study and the effects of their presence in the field are also key issues, as well as a critique to the maintenance of distinction between subject and object in the scientific narrative. These post-modern challenges to ethnography will be discussed based on examples from a netnography.

**KEYWORDS:** Undisciplinary Applied Linguistics; Queer Theory; Virtual Ethnography; Cruising Apps, Grindr, Desire and Sexuality, Interdisciplinarity.

## INTRODUÇÃO

*“Eu posto, logo existo”.*

A relação de similitude da frase que circula no facebook com a citação de Descartes *Cogito ergo sum* não é mera coincidência e aponta para a contraposição entre uma era racionalista, guiada pelos ideais positivistas e a sociedade pós-moderna descrita por Guy Debord (1967) como “Sociedade do Espetáculo”, na qual a expansão midiática e tecnológica enfatizaria a performance e a espetacularização da vida. Em *Meditações sobre filosofia primeira*, Descartes (2004 [1641]) assume uma divisão radical entre mente e corpo na medida em que suas naturezas eram não apenas divergentes mais contrárias: enquanto o corpo – material, perecível – possui uma percepção partitiva, a mente – abstrata, imortal – seria una, absoluta. Em outras palavras, a razão seria o cerne da existência humana, na medida em que a consciência, a reflexão e a imaginação deteriam a essência do ser, cujo invólucro seria o corpo. No entanto o filósofo adverte: ‘para compreender é preciso manter

a mente afastada da imaginação’ (Descartes, 2004 [1641], p. 51). Na ocasião da escrita de seu livro supracitado, Descartes se correspondia por cartas, a mente mais brilhante de sua época não conseguiria conceber a internet. E se festejava o aniversário de 100 anos da primeira enciclopédia intitulada de *Lucubrationes vel potius absolutissima kyklopaideia*, escrita por Joachimus Fortius Ringelbergius, em 1541 na Basileia. Descartes certamente nunca tirou uma selfie<sup>1</sup>, não teve facebook, nunca teclou num chat de relacionamentos, nunca conheceu as formas “epidérmicas” de existência, que adquirem sua materialidade na performance.

Quase 400 anos depois da escrita de Descartes, os cenários social e teórico são bem diferentes: a internet, esse código-território múltiplo, não conhece fronteiras e ressignifica a própria noção de espaço; os smartphones com sua multiplicidade de funções e sua proximidade do corpo borram as fronteiras entre humano e máquina e suscitam distintos sentimentos como dependência, afeto, tesão. A Wikipedia, uma enciclopédia colaborativa online, é a maior enciclopédia do mundo. Em frações de segundos uma mensagem cruza um hemisfério. A performance jaz na origem do novo ethos, como se para existir precisássemos nos mostrar, como se nossa materialidade dependesse diretamente da visibilidade. Na ciência, podemos citar viradas, ou transformações epistêmicas que modificaram o panorama investigativo: a virada discursiva que expôs a importância da linguagem e dos Discursos na produção de nossos significados sociais e a virada somática, que, por sua vez instituiu o corpo como parte inalienável da experiência humana e lugar legítimo de interesse, rejeitando a distinção entre mente e corpo adotada por Platão em seus Diálogos e por Descartes (2004 [1641]), e que serviu de base para os ideais positivistas que fundamentaram e em grande parte ainda orientam a pesquisa científica no Brasil.

Tanto a virada discursiva quanto a virada somática significaram passos importantes no sentido da interdisciplinaridade porque respectivamente espalharam a língua e os discursos como focos de interesse comum a todas as disciplinas das ciências humanas e porque instauraram a importância do corpo para as ciências sociais, fazendo-a cruzar suas fronteiras

---

<sup>1</sup> *Selfie* é uma foto tirada de si mesmo, normalmente com o celular.

epistemológicas para teorizá-lo. Contudo, elas também significaram uma insurgência contra obsoletas formas de produzir conhecimento e uma tentativa de promover novos aparatos teóricos que fossem mais adequados às peculiaridades da modernidade líquida, da existência performática, dos Discursos como insurgências de poder.

Por outro lado, um leitor mais crítico poderia afiançar que o entendimento do corpo como fato de interesse na etnografia não seja grande novidade na empresa etnográfica, no entanto as reflexões aqui não serão acerca do corpo objetificado e esmiuçado pelo olhar etnográfico, mas outro corpo que igualmente contribuiu para os resultados da pesquisa: o do pesquisador. Embora se reconheça a importância do corpo do pesquisado na produção de sentidos, ele permanece invisível, silenciado. Como uma herança cruel do positivismo, o cientista tem renegado seu corpo, sua sexualidade, e seu desejo, em prol da sacrossanta objetividade e para que sua pesquisa não seja taxada de amoral e fútil.

É para tal discussão que esse artigo intenta em contribuir: Para o reconhecimento do empreendimento científico como uma produção conjunta de sentido, como uma prática subjetiva e um ato político. Como prática subjetiva, deve reconhecer não apenas o objeto e o campo, mas o pesquisador, seus atravessamentos identitários, sua experiência e relação com o campo. Como ato político, é requisitado da pesquisa que ela se assuma como prática política que é; que o pesquisador seja claro quanto às suas filiações ideológicas, que seja ético e responsável, que seja consciente das mudanças sociais que sua pesquisa pode acarretar. Além disso, dando exemplos da minha experiência no campo, as reflexões aqui apresentadas intentam combater o mito do campo celibatário e advogar pela compreensão do corpo do pesquisador como uma ferramenta metodológica.

Eu gostaria de propor neste ensaio que a pesquisa online qualitativa também envolvesse um exercício de estranhamento da ética subjacente à pesquisa, que normalmente é adaptada acriticamente das áreas biomédicas à investigação etnográfica online. Pretendo tocar na questão da forma de participação do investigador no empreendimento investigativo, nas implicações de se considerar o próprio corpo do pesquisador como matéria essencial na produção de sentidos na prática investigativa e como

argumentar que uma pesquisa que se nutre de elementos auto-biográficos do pesquisador possui um potencial de diluição dos limites entre sujeito (pesquisador) e objeto (pesquisado).

Assumindo com Zago & Santos que “toda pesquisa sobre sexualidades é ela própria uma produção discursiva sobre sexualidade; portanto, o conhecimento produzido por ela deve estar em constante revisão crítica, e ética, já que é parte de um complexo de relações de saber-poder que produzem o objeto do qual fala.” (Zago & Santos, 2013, p.44), este ensaio também tem o intuito de reforçar o compromisso político do pesquisador para com as práticas e grupos sociais que ele estuda, e no meu caso em especial, na geração de visibilidade de novas formas de estar, ser e desejar no mundo, que ao desafiarem edificações morais atuais colocam em discussão novas alternativas políticas para a redescrição e desnortativização da vida social.

## **QUADRO TEÓRICO METODOLÓGICO**

“A necessidade de reinvenção deve ser compreendida como central em qualquer empreendimento de pesquisa.” (Moita Lopes, 2006, 21)

A reflexão acerca do método de pesquisa e dos instrumentos que o pesquisador usa, assim como as teorias que baseiam suas asserções é tradição na academia. Também a ponderação e explicitação das filiações políticas e ideológicas do pesquisador, embora não consensual, é uma característica desejada na pesquisa qualitativa, essencial à compreensão da empreitada científica como uma atitude política.

Partindo da premissa de que toda produção de conhecimento é um empreendimento político, o lingüista aplicado Moita Lopes (2006) propõe que a lógica da interdisciplinaridade permite escaparmos de conhecimentos e abordagens tradicionais e vislumbrar novos percursos de pesquisa, lançando um olhar crítico e interessado ao que a ciência menosprezou como fonte útil de conhecimento: os saberes marginais ou subalternos. A atenção aos saberes marginalizados implica em necessariamente suspeitar de modelos teóricos e axiomas envelhecidos.

Frente às intensas mudanças sociais que presenciamos, modelos estáticos e antiquados de teorização social precisam ser reinventados ou até “desaprendidos”, nas palavras de Fabrício (2006). Ao advogar por uma produção de saber em constante movimentação, em contínuo refazer-se, á deriva, a linguista aplicada se compromete com uma ciência que vê na desaprendizagem uma possibilidade de “refinamento do processo de conhecer” (Fabrício, 2006, p. 61) e aposta em um empreendimento científico que desconfia “da formação de sistemas explicativos coesos, desestabilizando conceitos naturalizados e desprendendo-se de consensos tranquilizadores.” (Fabrício, 2006, p. 58).

Assim, os autores acima citados, expoentes de uma Linguística Aplicada Indisciplinar se emparelham com perspectivas muito caras às teorias pós-modernas, ou pós-coloniais, como a Teoria Queer e se propõem a desaprender dogmas consagrados e transgredir os limites impostos pelo positivismo à produção de conhecimento. As teorias transgressivas (Pennycook, 2006) são aquelas que ultrapassam os limites do conhecimento tradicional e da política. Por transgredir os limites da normatividade, as fronteiras da opressão e pensar o que deveria ser silenciado, tais teorias desafiam epistemes consagradas e os mecanismos de poder que as estruturam e instauram o pensamento indisciplinado com uma responsabilidade social na pós-modernidade.

Essa redescção do aparato analítico-metodológico nas ciências humanas devolveu ao sujeito seu corpo e seus atravessamentos identitários, como sua história, sua classe social, sua etnia, seu desejo. Este retorno ao corpo talvez tenha sucedido por compreender no corpo um ponto de estabilidade nesse universo de instabilidades que a pós-modernidade instaurou.

A proposta aqui defendida não é apenas descrever a vida social, mas redescrever as formas de concebê-la, de conceitualizá-la, sempre tendo em vista o dinamismo e a liquidez da nossa era, a constante construção no e pelo Discurso dos significados sociais, assim como a instabilidade e historicidade de seus sentidos. Apostando na interdisciplinaridade e na indisciplinaridade como caminhos para o conhecimento e confiando no conceito de performance como o aporte teórico de nosso tempo, proponho

uma investigação comprometida com o volátil, com o efêmero, com o dinamismo social de nosso tempo.

## **POR UMA CIÊNCIA DA PERFORMANCE**

Após a observação do uso lingüístico em diversos rituais sociais como batizados, casamentos, promessas e apostas, nos quais o proferimento de uma sentença provocava transformações sociais, assim como os efeitos sociais produzidos pela linguagem, o filósofo John Austin (1990 [1962]) postulou que alguns atos lingüísticos, mais do que meras descrições de estado de mundo, eram responsáveis por construir novas realidades. Ao desenvolver sua teoria, o filósofo concluiu que todo enunciado – não mais alguns enunciados específicos – é em si um ato. E reconheceu por fim o caráter performativo da linguagem, já que o proferimento de uma sentença é muitas vezes o ato ou parte da ação, e não uma descrição de um estado de coisas, como propunha a visão referencialista da linguagem, que concebia o mundo como anterior ao Discurso.

Austin (1990 [1962]) provocou uma desestabilização na área da Lógica Formal, cujo instrumental analítico consistia no cálculo de predicados. Tal desestabilização consistia justamente no declínio da referencialidade, ou no fim do que Austin (1990 [1962]) chamou de “falácia descritiva”, isto é, a propriedade da língua de apontar para fora, para o exterior, e assim funcionar como instrumento de descrição. A assunção introduziu timidamente uma perspectiva na qual a língua é central às práticas sociais e culturais, não só como instrumento, mas como entidade viva e com potencial criador. Este entendimento também coloca em cheque a crença positivista de que haja uma essência humana, estável, anterior à linguagem. E de que haja uma verdade anterior ao discurso. O maior problema da visão referencialista seria a hipótese de que as palavras apontam para fora da língua, para o mundo, pressupondo que de fato exista uma distinção entre língua e mundo social, quando na verdade, discursos e performance são formativos, produzem a realidade, o mundo social que supostamente apenas referenciaríamos e a própria ontologia dos corpos são também efeitos de discurso.

As apropriações de Judith Butler da Teoria dos Atos de Fala (Austin, 1990 [1962]) deram origem ao conceito de performatividade. De acordo com Butler (1991) (1993), a repetição produz estabilidade de sentido, de forma que a identidade seria a estilização repetida do corpo.

Para Butler (1991), (1993) é a repetição de performances tanto lingüísticas quanto identitárias que produz a consistência, a aparência de verdade. É a esta perspectiva de linguagem que esse texto se emparelha: uma língua com força produtiva que questiona essências e a fixidez de categorias, que é imprescindível na intermitente constituição da identidade. Ao contrário de assumir que o discurso é uma matéria estagnada, na qual características inerentes ao sujeito afloram e se deixam ver, ele é o *locus* da construção e da mudança social.

Assim a performance semiótica jaz na constituição da própria materialidade e concretude dos corpos. Já não somos mais uma exteriorização autêntica de um sistema interior, mas uma criação desse interior através de uma performance, sempre exteriorizada. Sibilia (2010), baseando-se nas hipóteses de psicanalistas como Jurandyr da Costa Freire e Suely Rolnik identifica uma mudança na subjetividade ocidental de intradirigida para alterdirigida; Isso significa que o núcleo ao redor do qual gravitava a subjetividade, o núcleo estável, rígido, fixo, uma verdadeira essência interiorizada deu lugar a uma nova forma de se perceber um ser; uma forma visível, tocada pela concretude do olhar na superfície da epiderme; se é então, aquilo que se mostra de si. Somos os efeitos de nossas performances.

Essa asserção possui duas implicações interessantes: a primeira para as ciências sociais, na medida em que representa não apenas a ruína da interioridade psicológica, mas porque pressupõe o término da positivista divisão entre mente e corpo, entre interior e exterior. Já a segunda implicação é em rejeitar a distinção entre homem e ação, já presente nas preocupações filosóficas de Nietzsche. O problema de tal asserção consiste em que o homem seria a origem da ação, ou seja, que homem pré-existe a ação, quando na verdade a existência de ambos é alcançada no Discurso e nos próprios efeitos da ação.



Tal volatilidade humana se concatena com a fluidez do mundo social, de modo a colocar desafios à prática etnográfica. A respeito de um dos desafios pós-modernos do campo etnográfico discutimos em seguida.

## **A CRISE DO CAMPO: COMO A INTERNET MÓVEL DESAFIA A NOÇÃO DE CAMPO DE PESQUISA**

A internet saiu dos computadores e foi investida de mobilidade e GPS – programas de localização por satélite. A conectividade abandonou a geringonça estática e impessoal no canto da sala e encontrou vivacidade nos aparelhos móveis, altamente individuais, se mudando para mais perto do corpo, borrando ainda mais os ambíguos limites entre corpo e tecnologia, entre carne e máquina. Os celulares, Ipods e Ipads são mantidos cada vez mais próximos dos corpos, são investidos de sentimentos de afetividade, intimidade e inalienabilidade. Assumiram um caráter indispensável, despertando inclusive interesse dos pesquisadores da área médica que, desconfiados de todo excesso, já estudam como o celular e sua conectividade podem causar dependência psíquica. A síndrome chamada de nomofobia é o tema de doutoramento da pesquisadora do Instituto de Psiquiatria da UFRJ Anna Lucia Spear King<sup>2</sup>.

De acordo com o IBGE, que desde 2013 incluiu no censo a questão “De onde a Internet é acessada?” Quase 80% dos acessos a Internet são feitos através de um aparelho móvel. Compreensivelmente, a proximidade do corpo e a intimidade que o aparelho celular suscita convidam constantemente ao seu uso, ao toque. Com um poder de sedução tecnológico, os smartphones lançam um convite à performance e, assim, à existência epidérmica, dependente da visibilidade, que predica nosso momento histórico.

Embora o leitor um pouco mais cético possa se perguntar: Qual a diferença qualitativa entre um acesso a internet feito pelo computador e aquele através de aparelhos móveis? Bom, antes de fornecer três argumentos a essa resposta, quero rapidamente contextualizar meu campo de pesquisa.

---

<sup>2</sup> Agradeço a pesquisadora pelas informações sobre sua pesquisa.

“Macho à procura de semelhante”, “Mulekãõ Macho”, “Rosto e jeito de Homem” “Sarado Encolha”, “MAXUPACARALHO” são corriqueiras performances lingüísticas de si em um grupo de aplicativos para Smartphones, que facilita e possibilita encontro entre homens gays<sup>3</sup>. Existem cerca de 170 apps com avaliação<sup>4</sup> disponíveis para serem baixados, e muitos outros sem avaliação e não muito populares. O número de novos aplicativos ou apps cresce exponencialmente. O uso de tais apps varia não apenas em relação a convergências desejantes, ou padrões de práticas sociais, mas também diastaticamente, ou seja conhecem uma geografia específica, sendo o Grindr o mais difundido mundialmente, seguido do Hornet e Scruff, dos quais foram extraídos os dados discutidos aqui. Um aplicativo é um software baixado em smartphones que podem ser desenvolvidos com distintas finalidades, como acesso a contas de banco, mapas, jogos e chats, ou outro formato de relacionamentos sociais. Estes aplicativos de relacionamento social possuem um diferencial contundente em relação aos sites de relacionamento na internet, eles são equipados com um GPS que indica a localização dos outros participantes, servindo como uma espécie de gaydar, denominação que, inclusive, nomeia um dos apps, e estimulando o encontro entre pessoas próximas. Neste sentido uma característica interessante de tais aplicativos é que contrariamente à internet que possibilita uma ampliação dos horizontes e intercomunicação ilimitada e livre de empecilhos geográficos, tais aplicativos direcionam seus participantes a possibilidade do encontro cárneo e a emergência da satisfação dos desejos, fundando assim uma temporalidade nova, curta e intensa, comprimida no imediato.

Voltando a antiga questão sobre as diferenças entre acesso a Internet através de um smartphone e através de um computador, nomeio três argumentos importantes:

---

<sup>3</sup> Note-se que o uso do termo gay aqui é um posicionamento político que pretende atribuir visibilidade e não homogeneidade a formas desejantes subalternas, entende-se assim que o olhar as práticas locais, e a atenção ao esquecido podem vislumbrar novas possibilidades de configurações existenciais.

<sup>4</sup> Possuir uma avaliação para um app implica em que ele foi testado por pelo menos 10 participantes.

Inicialmente, as territorialidades online aqui estudadas, os apps de pegação, são exclusivos aos telefones e não podem ser baixados em computadores. Embora alguns chats de Internet tenham desenvolvido suas próprias plataformas para aparelhos móveis, possibilitando a seus usuários que se conectem através de seus smartphones, os apps nunca tentaram colonizar a Internet e mantém sua plena vitalidade no espaço efêmero da Internet móvel. Resumindo, um smartphone possui exclusividades funcionais que um computador não possui.

Em segundo lugar, acredito ser o GPS – sistema de localização por satélite – um grande diferencial, já que as localizações organizam a participação das pessoas no chat, na medida em que as mais próximas aparecem primeiro. Enquanto em um chat de bate-papos só se tem idéia da localização da pessoa a partir das informações que ela decide fornecer, os apps aqui estudados funcionam como amplificadores da visão local, pois se visualiza primeiro os participantes mais próximos e em seguidas os mais distantes, com a distância entre os participantes sendo detalhada.

O último ponto que queria ressaltar é que essa lógica localizacional dos aparelhos móveis, e a possibilidade do deslocamento conectado transformam a percepção espacial. Para a etnografia clássica, a territorialidade do campo era de fato muito material, significando a Internet uma ameaça ao “ir a campo”, tão caro a etnografia. Para a etnografia virtual, a Internet foi teorizada como um a-espaco, como uma concomitante reunião de todos os espaços e nenhum espaço, repousando na abstração de um universo paralelo quase. (Fragoso et al, 2010)

Já a Internet na era da geolocalização deixa ver claramente o caráter híbrido dessas espacialidades e a natureza discursiva dos territórios, mostrando que o mundo/espacialidades virtuais e o mundo/espacialidades reais são duas facetas inter-relacionadas da mesma realidade. E aquele que se localiza naquela plataforma virtual também possui uma ancoragem geográfica.

As territorialidades online vêm comportando concomitantemente os status de objeto de pesquisa, campo e instrumento metodológico. Tal compactação de categorias analíticas clássicas da etnografia exige uma redescritção de tais categorias e uma nova abordagem teórica que “dê conta”

da complexidade e dinamismo da investigação social online. Contudo, não é intenção deste ensaio nem possibilidade, visto o foco da discussão, esgotar esse tema. Abordaremos a seguir alguns tópicos sobre a coleta de dados durante a imersão na virtualidade geolocalizada dos aplicativos de pegação.

## **A DESESTRUTURAÇÃO COMO DESTINO: NOS DESCAMINHOS DA PRODUÇÃO DE DADOS**

*“Perder-se também é caminho.”*

Clarisse Lispector

Foi a reflexão acerca da minha experiência etnográfica e da geração dos dados analisados na minha dissertação de Mestrado que inspiraram esse texto. A geração desses dados foi de duas naturezas: (1) Históricos das interações fornecidos pelos próprios participantes, salvos através da impressão da página. Entre os dez participantes que cederam dez interações encontra-se o pesquisador. (2) Entrevistas, que também eram interações no próprio aplicativo, entre pesquisador e informante. Estas entrevistas, além de reunirem informações acerca do campo, também tencionavam recrutar participantes que doassem seus históricos. Tendo em vista a crítica à sensoria positivista frente a outras formas de inspiração científica que não sejam a razão, gostaria de abordar mais demoradamente a questão das entrevistas.

As entrevistas realizadas assumiram uma configuração inovadora e difícil de controlar, já que adotavam a estrutura de uma interação no próprio aplicativo cujas características prototípicas são: interações curtas, muitas abreviações, respostas sucintas, linguagem direta, freqüente e espontâneo abandono da interação. Se, por um lado, isso foi essencial para o design pretendido para a pesquisa, já que também estava interessado na configuração das interações e nas suas particularidades em tais meios, por outro contou com destreza do pesquisador em manter os informantes motivados, tentar formular boas perguntas que pudessem ser respondidas de forma sucinta,

tentar estabelecer rapidamente elos com as respostas fornecidas para elaboração de novas questões.

A escolha pela condução da entrevista no próprio ambiente pesquisado se baseou na pretensão de entender o campo de imersão da pesquisa em sua totalidade e complexidade, sem retirar as interações com os participantes de seu ambiente original de ocorrência - como seria o caso inevitavelmente em uma entrevista pessoal. Contudo, também conversei com muitas pessoas em muitas ocasiões pessoalmente sobre as práticas lingüísticas e sociais nos aplicativos de “pegação”, e tais contribuições fazem parte da pesquisa como dados do diário de campo. De fato, em algum momento da minha inserção no campo, percebi que não poderia mais tentar separar a minha vida pessoal do meu empreendimento investigativo. Como Kate Altorck (1995/1996) que, em seu artigo em defesa da investigação do componente erótico no trabalho de campo, confia os repetitivos sonhos eróticos que ela tinha com as pessoas que investigava durante sua imersão no campo, minha vida estava permeada e interpenetrada pelas minhas incursões investigativas.

“Na verdade, percebi que nunca entrara no campo, mas o campo entrara em mim: havia inundado todo aspecto da minha vida. Recebia constantemente textos e outras entextualizações sobre o Grindr de amigos e até da minha mãe, passava muitas horas por dia online, a ponto de reconhecer na rua meus vizinhos de aplicativo. Respondia diariamente a muitos curiosos sobre a pesquisa online, mais até do que recebia informações (...).” Diário de Campo, Dezembro de 2013.

As entrevistas foram conduzidas de forma não-estruturada<sup>5</sup>, ou seja, não contaram com um roteiro com uma lista de perguntas pré-determinadas, privilegiando assim o surgimento dos tópicos, a conversa informal e uma interação aberta. Alves-Mazzotti & Gewandszajder (1998) chamam a atenção para os benefícios da adoção de um planejamento de pesquisa menos estruturado quando o pesquisador se confronta com realidades complexas e desconhecidas e alertam para o risco de ‘aprimosarmos’ o sentido em categorias e teorias adotadas a priori e que podem distorcer a natureza dos dados e do estranhamento etnográfico. Para os autores, a flexibilidade é uma característica *sine qua non* da pesquisa qualitativa. A vantagem de tal técnica foi poder contar com informações e incursões temáticas novas a cada participante, e evitar que um informante se feche a algum tópico, tentando sempre inferir seus limites e suas melhores contribuições.

Contudo, outras tensões dificultaram ou pelo menos criaram certas ansiedades na produção dos dados. Primeiramente, estes aplicativos como Grindr, Scruff, Manhunt, entre outros se levantam na pós-modernidade como resistências da efemeridade, e, assim, foi necessário abraçar as tensões constituintes do ambiente, como o bloqueio do perfil e o abandono da interação. Embora o bloqueio do meu perfil assinalasse um drama na medida em que nem o participante que me bloqueou, nem nosso diálogo poderiam mais ser visualizados por mim, o abandono da conversa causava ainda mais ansiedade, pois não deixava claro o fim da interação ou do interesse de participar da pesquisa. Também representaram empecilhos respectivamente a dificuldade em estabelecer relações de confiança com

---

<sup>5</sup> Acho complicado pensar em entrevista completamente não-estruturada, pois o pesquisador já possui muitas questões ao entrar em contato com o campo, na medida em que seu trabalho é estranhar e pensar o “natural”. De fato, muitos questionamentos já povoavam minhas reflexões acerca da participação na prática social aqui estudada, mas prefiro o termo não-estruturada por dois motivos: (1) não contei com uma lista de perguntas (o que configuraria uma entrevista estruturada) nem com uma lista de tópicos (característica de entrevistas semi-estruturadas) fixa. E (2) preferi privilegiar a audição (no meu caso, a leitura já que as entrevistas foram online) e permitir que as respostas dos informantes me guiassem a lugares não antes interrogados. De acordo com Lago (2007; 52) apud Fragozo et al. (2010,186),” O ouvir, alcançado mediante entrevistas em profundidade, abertas, mas também diálogos casuais, ajuda ao pesquisador perceber o sentido das ações que observa, bem como as significações específicas que o grupo observado atribui às suas próprias ações, rituais, etc.”

os pesquisados, devido à dúvida quanto à identidade do pesquisador, e a constante tensão entre os desejos do pesquisador e o do pesquisado, tema discutido nas seções abaixo.

Além disso, não houve a distribuição de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, mas os participantes aceitaram participar online e sua aceitação foi impressa do chat através da impressão da página, o que foi chamado por Zago & Santos (2013) de ‘método consensual’<sup>6</sup>.

## **O PESQUISADOR INSIDER E A OBJETIVIDADE NA PESQUISA ETNOGRÁFICA OU A AUTONETNOGRAFIA E A CRISE DOS LIMITES ENTRE O “EU” E O “OUTRO”**

Uma tradição etnográfica consiste em refletir sobre a relação estabelecida entre pesquisador e realidade social que investiga. Como ele se insere em tal grupo social, qual a natureza e dinâmica das relações que forja com seus informantes. Além de pontuar sobre as distintas formas de participação do investigador nas comunidades estudadas e seu nível de engajamento nas práticas que pesquisa, é imprescindível estar ciente sobre os ganhos e perdas metodológicos em que o grau de proximidade entre prática social e pesquisador implica. Contudo, é muito comum que os pesquisadores se interessem por comunidades de prática (Wenger, 1998) da qual fazem parte, ou com as quais são familiares ou conhecem minimamente, já que a familiaridade estimula a curiosidade. Justamente

---

<sup>6</sup> Assim descrevem os autores o “‘método do consenso’, isto é, que o/a pesquisado/a possa ‘consentir livre e esclarecidamente’ a participar da pesquisa ou a deixá-la em qualquer momento; que negocie com o/a pesquisador/a as perguntas feitas e as respostas dadas; que o pesquisado/a possa também fazer perguntas ao pesquisador/a e, talvez, pedir informações sobre a perspectiva teórica adotada na análise dos dados. Sobretudo, o método do consenso, no âmbito das pesquisas que vimos realizando, é um método em que a relação entre pesquisador/a e pesquisado/a é construída principalmente em referência ao contexto no qual se desenvolve a pesquisa (seu objeto, os dados produzidos, a abordagem teórica das análises), e não somente em relação estrita a um conjunto de normas e regras prévia, externa e burocraticamente imposto, que enrijece e cristaliza os lugares, direitos e deveres tanto do/a pesquisado/a quanto do/a pesquisador/a.” (Zago & Santos, 2013; 46).

este é o caso da pesquisa em questão: meu interesse em saber quais recursos lingüísticos e semióticos eram empregados na performance semiótica de si, na estilização de si online de proveio certamente do meu contato com o campo e a constatação de que masculinidade hegemônica e de virilidade hipersexualizada em tais apps eram recursos muito empregados na produção de si como sujeito desejável. No começo de 2014 recebi a seguinte mensagem do aplicativo Grindr:



Figura 1: Mensagem enviada pelo aplicativo Grindr pela ocasião de seu aniversário de cinco anos.

“Aquele mensagem me fez pensar que também eu fazia aniversário de imersão no campo de pesquisa. Perguntei-me se jamais sairia do campo. Mesmo demandando tanta energia e atenção, parecia mais confortável do que o mundo real, embora hostil com a aparência, gentil com o esteticamente apazível, caloroso com o desejável, condescendente com o normativo. Eu havia conhecido o Grindr no final de 2011, (...). Em 2012



criei meu perfil no Scruff (...). Em 2013 baixei o Hornet (...). Em 2014, estou eu, já há 3 anos com o mesmo marido e com vários amantes que conheço através dele.” Diário de campo, Fevereiro de 2014

Embora possa ser mais difícil para o pesquisador insider ou autonetnógrafo <sup>7</sup>se afastar das práticas sociais e linguísticas que estuda para questioná-las, estranhá-las, não há dúvidas de que o ‘engajamento e a biografia do investigador sejam um aspecto metodológico positivo à prática da pesquisa’ Hine (2009), Fragoso et al. (2010), Zago & Santos (2013), entre outros.

Schwandt (2007) advoga a necessidade de uma proximidade e familiaridade do pesquisador com as práticas estudadas. Para o autor, ‘compreender os sentidos das práticas humanas requer um conhecimento da intenção subjetiva do ator social a partir de dentro’ (Schwandt, 2007, 196). Emparelhando-se a este ponto de vista, propõe Amaral (2009; 2) que “elementos autobiográficos do pesquisador ajudam a desvelar diferentes contornos e enfrentamentos do objeto de pesquisa em um fluxo narrativo de cuja análise sujeito e objeto fazem parte.” apud (Fragoso et al, 2010; 196).

Bem, um dos argumentos norteadores da Teoria Queer jaz justamente da supressão da distinção entre objeto e sujeito. Tal argumento consiste na rejeição de uma disciplina com uma agenda colonialista que cria a diferença e o exotismo do outro na medida em que o descreve. Como ilustra Fabrício (2006), “sujeitos e objetos não são a-históricos; por conseguinte, o estudo do objeto produz o objeto.” (Fabrício, 2006, p.56) A ocupação do local do objeto gramatical em uma sentença dentro do gesto narrativo possui um efeito político de assujeitamento muito contundente. A prática de falar de si, de referenciar-se, contar sua própria

---

<sup>7</sup> Os dados estudados – interações entre homens em tais aplicativos – foram obtidos através de vários informantes inclusive meus dados também. Por razões éticas, todas as identidades são obliteradas. No entanto a questão se coloca sobre qual a definição do meu nível de participação: uma autoetnografia suporia o uso de dados exclusivamente meus para o desenho da etnografia, enquanto uma participação insider pressupõe certa inserção íntima nas práticas sociais estudadas, no entanto sem se respaldar tanto em elementos autobiográficos. Mais uma vez, recorre-se a uma metodologia híbrida que melhor se adéqua ao objeto de pesquisa.

história, tornar-se sujeito no Discurso é uma prática de empoderamento, de subversão.

Para Pedro de Souza, que analisou as marcas linguísticas de subjetivação em cartas de coming-out de gays de diferentes partes do Brasil para uma instituição de apoio nos anos 80, descrever-se, confessar seus desejos, analisar sua experiência seria “uma prática pública de referenciar a si” Souza (1997; 37), uma estratégia de fazer-se sujeito, em um momento histórico em que a homossexualidade, ou mais especificamente os homossexuais não ocupavam a primeira pessoa gramatical, mas sempre a terceira.

Não apenas construtora dos objetos que descreve – e assim detentora de grande responsabilidade social –, a etnografia é construtora de teorias, e ‘a descrição cultural é um dos seus pilares’ Nunan (2008), contudo, as generalizações e teorizações emergem da proximidade e observação cuidadosa do fenômeno pelo pesquisador e não são propostas a priori e testadas a partir do isolamento e da manipulação do fenômeno. Afinal de contas, a flexibilidade e adaptabilidade da etnografia ao seu objeto de estudo é característica sine qua non de tal empreitada. Desta forma, torna-se imperioso pontuar acerca das vantagens de uma observação próxima, comprometida, densa<sup>8</sup>, baseada nas evidências que surgem dos dados. No entanto, etnografia não envolve apenas descrição, mas sim interpretação, análise, explicação e, principalmente, teorização. E, portanto, advogo aqui uma postura crítica e incrédula frente à obviedade dos sentidos oriundos dos dados. Embora haja uma tendência conservadora nas ciências sociais de não ir além dos dados, é necessário estabelecer relações entre as práticas locais e globais e almejar produzir generalizações e teorias que transgridam o âmbito local e possam ser aplicadas a outros estudos.

É neste dialogismo entre a experiência subjetiva e local do pesquisador e as narrativas de seus colaboradores que a diluição da distinção entre eu (pesquisador) e o outro (objeto da pesquisa) encontra um terreno produtivo, no qual os significados sociais são assumidamente construídos nas relações, e não meramente apreendidos dos dados.

---

<sup>8</sup> “The principle of ‘thick’ explanation refers to the importance of taking into account all of the factors which may have an effect on the phenomena under investigation.” (Nunan, 2008 [1992]; p. 58).

Uma desconfiança em relação aos dados também sugere um movimento na direção do abalamento dos limiares entre eu e o outro, na medida em que considera a reflexividade do pesquisado sobre suas práticas discursivas como relevantes.

Para Bolton (1996 [1995]), que estudou as práticas sexuais de homens gays em Bruxelas nos anos oitenta, sexo com os informantes forjava intimidade, e laços de afeição duradouros e também atuavam na diluição entre os limites entre sujeito e objeto. De fato, o autor se recusa a se referir a seus amigos e amantes como informantes (Bolton, 1996 [1995]). Também na minha experiência de campo, estar aberto a possibilidades de aventura sexual me fez um melhor pesquisador no sentido que pude experienciar as vivências do campo e contar com outras percepções e experiências como possíveis dados. De acordo com Bolton “para etnógrafos (...) todas percepções e experiências são potencialmente dados.” (Bolton (1996 [1995], p.148), Ao me assumir como ser desejante e participante do aplicativos que estudo as informações surgiam naturalmente nas interações e seus sentidos eram também em interação negociados. Parecia que minha netnografia sexual nunca fluiria sem que eu flertasse com o desejo, sem povoar as iminências do sexo, mesmo que em seu caráter discursivo.

Uma implicação de conceber os significados como alcançados em interação, seria a necessidade de a etnografia assumir uma atitude desconfiada em relação ao significado como proveniente dos dados. Morse (1994) observa que, ‘a teoria não emerge magicamente dos dados’, e critica a inabilidade dos pesquisadores qualitativos em explicitar os procedimentos cognitivos empregados na elaboração de modelos e teorias. Tal inabilidade em tornar claros os esforços cognitivos, que nos permite transformar uma profusão de dados em inteligibilidade permitiu que as ciências empíricas e que o hábito positivista taxassem a pesquisa qualitativa de “fácil”, não científica e subjetiva. A autora explica:

“Data analysis is a process that requires astute questioning, a restless search for answers, active observation, and accurate recall. It is a process of piecing together data, of making the invisible obvious, of recognizing the significant from the

insignificant, of linking seemingly unrelated facts logically, of fitting categories one with another, and of attributing consequences to antecedents. (...) It is a creative process of organizing data so that the analytic scheme will appear obvious.” Morse (1994; 25).

Tendo em vista as objeções levantadas por (Morse, 1994) quanto a necessidade de uma atitude desconfiada em relação à assertividade dos dados na produção de teorias, tendo em vista os o postulado da Linguística Aplicada Indisciplinar (Moita Lopes, 2006) e advogando por uma transgressão dos limites cirúrgicos entre pesquisador e pesquisado, elegi a participação insider, que leva em consideração aspectos biográficos e a subjetividade do pesquisador como a forma mais adequada de participar nessa produção conjunta de significados que é a pesquisa.

A auto reflexividade ajuda a pensar uma experiência individual como coletiva, transpor o âmbito local de significados sociais e generalizar, tornando assim possível ao investigador estabelecer um movimento dialógico entre experiência pessoal e práticas socializadas mais amplas. Justamente, o desenvolvimento de teorias consiste em mover-se do particular para o translocal em pequenos passos. Assim, finalizo esse segmento do ensaio com uma síntese de Hodkinson (2005) apud (Fragoso et al., 2010) sobre as vantagens da participação insider na pesquisa acadêmica:

“a etnografia a partir da perspectiva do insider dentro de determinada cultura pode proporcionar um elemento subjetivo importante a ser destacado, principalmente pelo estilo narrativo e pelas facilidades e/ou dificuldades em coletar e analisar possíveis informações e dados (...), assim como diferentes valores, experiências e negociações vivenciadas pelo pesquisador na sua competência cultural.”  
Fragoso et al. (2010; 195).

## **POR UMA ÉTICA POSSÍVEL: ROMPENDO OS GRILHÕES RACIONALISTAS**

As pesquisas pontocom, especialmente as etnografias sexuais, levantam várias questões a respeito da ética. Questões de suma importância como a tensão entre os domínios público e privado nas práticas sociais online, questões acerca da preservação do anonimato dos participantes e da validade da autorização do uso dos dados. Todas essas questões nos são extremamente relevantes, mas não serão esgotadas aqui. Neste ensaio, gostaria de discorrer sobre as implicações éticas de três questões controversas: (a) a importação de engessados modelos biomédicos de ética à pesquisa em ciências humanas; (b) a consideração do corpo do pesquisador como peça essencial na construção dos significados na pesquisa e o envolvimento sensual e relacionamento entre pesquisadores e pesquisados.

### **ÉTICA DE PESQUISA: DA CONFISSÃO AO CONSENSO**

As pesquisas biomédicas que lidam com questões de vida ou morte e comportam visões muito essencialistas e biologizantes<sup>9</sup> acerca das sexualidades e dos corpos colonizaram a área das ciências humanas. Textos e Discursos não apenas viajam, mas colonizam de acordo com as vontades de verdade, de uma época. Como explicitam Zago & Santos, “Na sua aplicação em pesquisas que desenvolvem métodos qualitativos de produção de dados, esses padrões éticos importados acriticamente da área biomédica acabam por dificultar e inviabilizar o desenvolvimento de pesquisas que empregam métodos como os da observação participante e etnografia, por exemplo.” (2013; 53). Os mesmos autores propõem como alternativa, o método consensual, que acredito ser uma proposta muito sensata, na medida em que propõe uma relação ética

---

<sup>9</sup> Vontade de verdade é um conceito foucaultiano que propõe a contingência da verdade i. e., verdade não é absoluta e atemporal, mas social e discursivamente constituída.

“(…) em que nós e os homens que aceitaram fazer parte da pesquisa pudéssemos assumir nossos limites e impossibilidades: que eventualmente alguma pergunta não fosse respondida pelos entrevistados, ou que eventualmente os próprios entrevistados pudessem fazer perguntas para nós, por exemplo. Essa relação ética com os participantes de pesquisa teria de levar em conta o campo saturado de sexo (virtual) no qual ela aconteceu (...). Essa teria de ser uma relação que não se baseasse em noções prévias e institucionalmente outorgadas de ‘permitido’ e de ‘proibido’, mas que pudesse oferecer espaços onde nós e os participantes ‘respirássemos’: essa relação ética que construímos com os pesquisados diz respeito ao ‘método consensual’ de participação em pesquisa” (Zago & Santos 2010, p. 51)”.

O método do consenso seria então interessante por ser baseado num ideal de liberdade reflexiva e não possuir limites forjados a priori, mas que são, como em toda produção de sentido, negociados e alcançados na interação social. De fato, os limites e efeitos surgem na própria interação (Wortham, 2001).

Ao contrário de proteger práticas colonialistas de investigação sob uma assinatura em termo de consentimento, privilegiando a confissão em detrimento da livre contribuição, tal método assumiria o consentimento formal como um floreio da ética de pesquisa e um mecanismo inperceptível da legitimação de uma assimetria de poder entre aquele que detém a verdade (o cientista) e aquele que, embora a ajude a construir, é silenciado em última instância (pesquisado).

Detamore (2010) apud Zago & Santos defende que “Dizer que eu consinto apenas significa que eu aceitei o meu lugar dentro de uma estrutura social dominante que vai me levar nas direções que eu tenho que seguir” (2013; 47). Em outras palavras, a adoção de um termo de consentimento muitas vezes alimenta a distinção entre pesquisador e objeto, realçando a assimetria de poder entre eles e atribuindo ao primeiro o poder de gerar uma verdade metafísica e absoluta sobre o outro.

## “VC É BOM COM A LÍNGUA?”: NOTAS SOBRE O PESQUISADOR COMO OBJETO DE DESEJO

O título desse capítulo alude a uma frase que me foi escrita dezenas de vezes no meu campo por participantes que não legitimavam minha participação em tal código-território como pesquisador, ou não liam atentamente meu perfil, ou simplesmente queriam flertar de forma engraçada. Fazendo alusão ao meu título no perfil “linguista”, em um ambiente de alta carga sexual, a brincadeira imprimia ao meu título outra significação, mais sexual, talvez interpretada como mais coerente no contexto em que eu pesquisava. Abaixo as imagens mostram meu perfil, e duas interpelações a respeito das minhas práticas no chat.



Figura 2: Perfil do pesquisador.



Figura 3: Interação com pesquisador

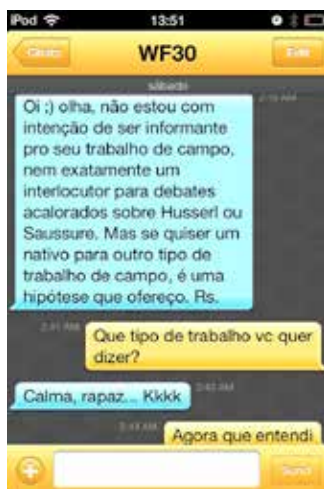


Figura 4: Interação com pesquisador (2)



Tais dados nos fazem refletir sobre as interessantes relações entre como nos apresentamos online e como somos ratificados pelo outro. Embora eu tivesse disponibilizado uma identidade de pesquisador, fui interpelado inúmeras vezes como um participante, como um corpo que se diluía na multidão de corpos e, portanto, respondendo ao mesmo capital simbólico que circulava naquele ambiente. Antes de eu aceitar minha participação no campo e recusar a castração do ideal positivista de neutralidade muitas investidas de conversa foram rejeitadas e me privei de conhecer pessoas interessantes, fazer amigos ou criar redes de contato me apoiando na dignidade do meu cinto de castidade até que eu mesmo percebi que continuar na vida dupla de pesquisador celibatário e homem saudável não seria possível. Aprendi que, me envolvendo ou não com outras pessoas no meu campo eu estava irremediavelmente atado aos significados sociais que produzíamos. A reclusão do corpo desejante por trás do pesquisador frígido foi ainda mais complicada devida a minha inserção em tais aplicativos antes do início institucional<sup>10</sup> do campo.

O que proponho é que, por mais que o pesquisador tencione uma participação discreta, muitas vezes, despercebida, a nossa adesão ao campo possui significados. Como propõem Zago & Santos, “nossa presença no site de relacionamento não é uma ‘mera’ presença; no limite, é uma interpelação, uma intervenção nesses espaços” (2013; 52). E não podemos ser ingênuos a ponto de acreditar que observamos as práticas de fora, sem que intervenhamos em tais códigos-territórios ou a presença do pesquisador no campo não produza sentidos. Como asseveram Barton & Hamilton (1998), as pessoas podem ser incorporadas em práticas letradas de outras pessoas e assim serem investidas de significado sem ler ou escrever uma palavra sequer. As ações de ler e escrever não são as únicas formas pelas quais textos recebem significados, portanto mesmo um lurker – um pesquisador meramente observador – estaria subordinado a produções sentidos ao se inserir no trabalho campo.

---

<sup>10</sup> Com início institucional, quero dizer a aprovação no mestrado e a modificação do perfil de usuário para o perfil de pesquisador. Antes do início da coleta de dados já me encontrava inserido no campo há mais de um ano.

Vários pesquisadores como Denzin (1989) Alves-Mazzotti & Gewandsznajder (1998) sugerem que devemos compartilhar ao máximo backgrounds e aspectos identitários com nossos informantes. Com razão, acredito pela curiosidade de meus informantes sobre minha própria sexualidade que esse é um fato que pode atuar ajudando o pesquisador a forjar uma relação de confiança com o informante, importante para pesquisa das homossexualidades, assim como suas práticas discursivas. No entanto, considero problemático acreditar que atravessamentos identitários do pesquisador “façam o trabalho” por ele. Primeiramente porque a identidade não pode ser considerada como uma limitação ao pesquisador. As habilidades cognitivas demandadas na pesquisa qualitativa dependem mais da experiência, competência e reflexão crítica do pesquisador, do que de atravessamentos identitários. Em segundo lugar, o compartilhamento de uma identidade com os informantes não garante nem que o pesquisador consiga “extrair” os dados adequadamente dos informantes no processo de geração, nem que tais dados sejam analisados com precisão e sagacidade.

Assim, tanto a identidade quanto o corpo do pesquisador devem ser encarados como aparatos metodológicos dos quais podemos fazer uso em certos contextos investigativos. Seguindo Zago & Santos (2013) proponho que o corpo do pesquisador funcione como um “visto de entrada” para a investigação em certos contextos. Se, por um lado, o corpo (ou alguma representação imagética), é essencial para a contribuição dos participantes na pesquisa, operando como o facilitador<sup>11</sup> da interação, por outro ele simboliza, encarna a própria tensão que dificulta a conciliação dos desejos do pesquisador e do pesquisado. O título deste capítulo é um exemplo de que o pesquisado sempre vislumbra no pesquisador, pelo menos inicialmente, a possibilidade de realizar seu desejo, seja ele qual for. Ele pode então se interessar pela produção de inteligibilidade acerca de suas práticas, e embarcar no discurso do pesquisador, mas sua intenção a princípio não é ser pesquisado, é ser reconhecido como membro da comunidade de prática, como ser desejante. E cabe ao pesquisador persuadi-

---

<sup>11</sup> Vale ressaltar que os avatares sem foto não são contatados e muitas vezes não são respondidos. São vistos com antipatia nos apps.

lo de sua contribuição e dissuadi-lo, mesmo que por hora, de seu desejo. E neste jogo de desejos, não há garantias de que o pesquisador não deixe de lado seu desejo e se entregue ao desejo de seu interactante. Tal tarefa de captar o interesse do informante não é fácil e exige “jogo de cintura”, flexibilidade e tato do pesquisador. Nesta empreitada, aspectos identitários – que só são inferidos na medida em que o pesquisador responde algumas perguntas ao pesquisado – podem ajudar, assim como clareza ao explicar sua pesquisa e honestidade quanto à política de privacidade e modo de participação do informante.

Na minha experiência de campo, o fato de compartilhar uma sexualidade gay com os pesquisados e a própria curiosidade deles acerca de tal atravessamento identitário, pareceu extremamente relevante para a adesão à pesquisa por corresponder a um compartilhamento de uma região moral, e assim significar um passo na direção da erradicação da distinção entre “eu” e o “outro”. Para Bolton (1996 [1995]) são as práticas sexuais que criam um senso de comunidade e um sentimento de identificação entre homens gays, já que não existe algo como uma experiência homossexual. O sexo e as sexualidades ditas abjetas fundaram códigos paralelos de significação, sempre atados à ordem social. Nas palavras de Perlongher (2008) o homoerotismo fez florescer “formas subterrâneas de vida”. Nesse sentido, entendo a preocupação do pesquisado sobre a sexualidade do pesquisador como uma atenção aos frames de inteligibilidade, já que, um pesquisador heterossexual teria a tarefa de conciliar duas regiões morais distintas. Talvez certa incredulidade ou curiosidade quanto à possibilidade de um pesquisador heterossexual se interessar pelo tema também possam endossar tal questionamento. Ou ainda uma efervescência desejante em direção ao corpo heterossexual, já que a heterossexualidade, – ou pelo menos a performance heterossexual – é muito valorizada entre homens gays, como traço desejado e estimado. Também para Zago & Santos (2013), a sexualidade era uma mediadora da verdade<sup>12</sup>, na medida em que

---

<sup>12</sup> Por outro lado, eu me pergunto: Não seria a verdade mediadora da sexualidade? Foucault nos mostrou muito bem em a História da Sexualidade I, como confissão e sexo se tornaram indissociáveis na sociedade ocidental.

lhes foi exigido “sair do armário” para fazer pesquisa. Reproduzo abaixo mais um trecho de minhas interações com informantes;



Figura 5: Interação com Pesquisador 3

Além disso, como postula Kendall, “Even in nonsexual situations and nonsexual relationships, sexual aspects of the identity influence interaction at the most basic and minute level.” (2009; 109) Desta forma, nosso comportamento social depende diretamente do nosso gênero, de nossa sexualidade, de nossos desejos, assim como do gênero e sexualidade de nossos interlocutores. Portanto, torna-se imperativo pensar no pesquisador com seu corpo, nos seus processos de identificação, seus desejos e não vê-lo como um espectro descorporificado, com o intuito de romper com a herança cartesiana ligada a uma ontologia moral “that

privileges the mind over the body and the spiritual and intelligible over the sensible and material.” (Brockmeier & Olson, 2009, p.146)

No entanto, uma identidade homossexual não é necessariamente suficiente como “visto de entrada” para alguns informantes. Por ser um território de afrouxamento moral, a Internet se configurou como um espaço de fuga dos desviantes, e confessar a minha adesão e participação nos aplicativos foi muitas vezes essencial para obter colaboração, uma vez que tal assunção funcionava como um pacto moral: eles não se sentiam julgados por suas práticas sexuais quando compartilhando-as com alguém que “conhece as regras do jogo”. Neste sentido, voltar a ser um participante foi imprescindível para realizar a pesquisa no design escolhido.

Aceitar o corpo do pesquisador, assim como seus desejos como aparato metodológico significa assumir também suas experiências, sua sexualidade na produção de sentido. A auto-reflexividade restituiu ao pensador seu corpo e, portanto, sua inserção propriamente dita no mundo em que pesquisa, no entanto muitas variáveis permanecem silenciadas. Como propõe Lori Kendall,

“Researchers are generally quicker to acknowledge the importance of gender to qualitative (and other) research. Yet sexuality too needs to be recognized as an important part of our experience. Both gender and sexuality affect and are affected by our sense of self and our experience of fieldwork. These aspects of identity also interact and jointly affect people’s relationships with each other, including relationships between researchers and the people they study.” (Kendall, 2009, p.116)

Tendo em vista as observações de Kendall (2009) a respeito do silenciamento da instância da sexualidade no campo etnográfico, aprofundamos nossa discussão nos seus efeitos e significados sociais.

## **O EROTISMO NO CAMPO: SILÊNCIO COMO MECANISMO DE OPRESSÃO**

A invisibilidade da experiência erótica no campo etnográfico deixa de lado importantes fontes de conhecimento. Porém, não apenas

a experiência sensual, mas todos os tipos de emoção são encarados de forma suspeita pela tradição etnográfica (Kendall, 2009), (Kullick, 1996 [1995]), (Bolton 1996 [1995]), entre outros. De fato a abjeção à ideia de que emoções e desejos possam servir de instrumento de análise social parece ainda estar muito arraigada à etnografia. Tal abjeção remete à distinção cartesiana entre mente e corpo. Como escreve Descartes:

“(...) os próprios corpos são percebidos não somente pelos sentidos ou pela faculdade de imaginar, mas pelo intelecto somente, e não são percebidos por serem tocados ou vistos, mas unicamente porque entendidos (...)” (Descartes, 2004, p. 63)

Conquanto se reconheça que a pesquisa seja uma prática de produção de significado interpretativa e, portanto, subjetiva, ela ainda não se libertou completamente dos dogmas do positivismo. De tal forma que uma aura moral parece repousar sobre os sentimentos e sensações, sobretudo sobre as experiências sensuais, coibindo sua importância para a pesquisa e alimentando o mito do etnógrafo celibatário. Porém, ao contrário, a natureza da relação entre informante e pesquisador pode ser muito elucidativa para a compreensão dos resultados do processo investigativo. De acordo com Bolton (1996 [1995]), sua pesquisa sobre práticas sexuais na comunidade gay configuraria uma impossibilidade prática caso ele não se relacionasse com seus informantes, ou nas palavras do autor, se ele não entrevistasse amigos e amantes.

Pouco se fala sobre os desejos e sentimentos do pesquisador em campo por vários motivos, os quais, de uma forma ou de outra, estimula a pesquisa escrita na terceira pessoa e no tempo passado, transformando sujeitos (os co-criadores do empreendimento de pesquisa) em meros objetos. Uma importante implicação de assumir uma ideologia da neutralidade no empreendimento científico remete a sustentação de uma instância de poder. E como tal configuraria uma maneira de sustentar uma hierarquia no momento da interação com outros participantes: a já citada hierarquia da objetificação, que entra em jogo quando o

pesquisador descreve, fala o participante. Enquanto os informantes têm suas intimidades esmiuçadas, o pesquisador pode escolher até que ponto deseja expor-se e se comprometer. Dentro de uma perspectiva ética e assumidamente engajada politicamente, esse compromisso com os efeitos de sua pesquisa é uma responsabilidade do etnógrafo.

Além disso, há uma desconfiança inerente a aspectos subjetivos do pesquisador não apenas como um reflexo da tradição positivista, mas também por supostamente representar uma espécie de narcisismo do autor. Kendall (2009) alerta para o fato de que falar sobre os desejos e a sexualidade de si mesmo expõe um dos perigos essenciais da prática auto-reflexiva da pesquisa interpretativa; o perigo de que a expressão dos sentimentos e experiências do pesquisador possa ser interpretada de alguma forma como narcisística ou desnecessária. Para a autora, os sentimentos de desejo despertados durante sua imersão em um campo de etnografia virtual e a constatação de seu interesse por homens dominadores, ajudaram a evidenciar um ethos de moderação dentro do grupo acompanhado por ela, o que foi muito elucidativo para os resultados de sua pesquisa.

Também é digno de ressaltar que o discurso objetivista esconde uma ideologia colonialista, machista e heteronormativa. Na verdade, tal discurso protege de questionamentos e críticas a heterossexualidade masculina, atribuindo-lhe um caráter “neutro” e, assim, silenciando mulheres, trans e homossexuais para quem questões de gênero sempre importam, especialmente dentro do campo. De acordo com Eva Moreno (1996 [1995]) uma antropóloga vítima de um estupro durante sua imersão no campo na Etiópia nos anos setenta, “o assassinato e o estupro seriam a sanção mais radical para manter a ordem do gênero.” A assunção em muitas culturas de que a mulher é a culpada pelo estupro, supõe que elas seriam responsáveis, por não estarem no lugar errado, no momento impróprio, ou por desenvolverem tarefas que não lhe cabem. E de certa forma, o silêncio quanto à sexualidade na pesquisa seria uma forma de excluir a participação de mulheres, homossexuais e transsexuais, e até sujeitos não-brancos ou com deficiências físicas, de despir seus corpos não apenas da neutralidade científica, mas também e principalmente da autoridade científica assumindo que há fronteiras que esses corpos não

poderiam cruzar. Dessa forma, o mutismo quanto às especificidades do gênero, e de sexualidade do pesquisador na pesquisa ajudariam a manter no limite a asserção profundamente machista de que há lugares, momentos ou práticas pelas quais as mulheres, ou homossexuais e transsexuais, ou pessoas de cor não deveriam circular. Portanto esse moralismo nas ciências humanas deve ser entendido como uma estratégia de manipulação da hierarquia de gênero e manutenção de idéias racistas e colonizadoras. Não proponho que todos os etnógrafos entrem profundamente no campo do sexo. Não há regras absolutas na etnografia, há princípios orientadores. E justamente aí consiste sua riqueza. No entanto, senso crítico e sensibilidade quanto às implicações políticas da pesquisa é um pré-requisito ético do empreendimento científico. Ora, se a etnografia deve ser, em primeiro lugar, flexível, apta a se moldar às necessidades do objeto e do campo de pesquisa, passível de transformação para melhor compreender, porque ela ainda continua algemada ao puritanismo sob pena de perder sua potência explicativa e visão holística sobre os fatos sociais?

Ademais, a experiência erótica na etnografia pode ajudar o pesquisador a se manter interessado e disposto na sua longa imersão no campo além de ser canalizada como uma “fonte muito útil de insights” Kullick (1995; 5) Portanto, o tópico sexualidade e desejo no campo deve ser encarado não apenas como um benefício, mas como uma responsabilidade política, na medida em que suscitam questionamentos desconfortáveis, com as quais muitos etnógrafos não querem se deparar, como explica Kullick:

They are questions about the validity and meaning of the self-other dichotomy, and about the hierarchies on which anthropological work often seems to depend. They are questions about exploitation, racism and boundaries. They are questions about commitment and about the politics of desire. They are questions, in other words, about issues that lie at the heart of anthropological knowledge (Kullick, 1996 [1995], p. 5).



Contrariando o ditado, o que os olhos não vêem o coração pode sentir, e entender, muitas vezes muito melhor, assim como a pele o pode, o toque, as sensações. E tais questões no cerne do conhecimento antropológico devem ser invocadas para um entendimento holístico dos fatos sociais.

## **POR UMA CIÊNCIA DO TESÃO**

Schwandt (2007; 194) propõe compreendermos “a investigação qualitativa como um terreno ou uma arena para a crítica científica social”. De acordo com o autor, a pesquisa social é uma prática que transforma, na medida em que se desenvolve. Os próprios princípios teóricos, o objeto e os discursos sobre os saberes estão à mercê das transformações sociais que a pesquisa pode e deve acarretar. Desta forma, “é somente em um encontro dialógico com o que não é compreendido, com o que é estranho, com o que exige de nós, que podemos nos abrir para arriscar e testar nossas idéias preconcebidas e nossos preconceitos.” (Schwandt, 2007, 199)

Assim, fazer pesquisa significa reconhecer a responsabilidade política que abraçamos e a contingência da verdade. A compreensão não preexiste aos fatos como uma verdade absoluta. A compreensão é um gesto simultaneamente de aproximação e afastamento em relação ao objeto. Não é exclusividade da racionalidade, como propõe Descartes (2004 [1641]), mas está espalhada pelas tramas das sensações, dos desejos e dos sentimentos. A compreensão é dinâmica. E curiosamente também o é o mundo. E talvez de forma ainda mais marcante o seja a Internet e os aplicativos sobre o qual nos debruçamos aqui.

Portanto, é necessário nos lançarmos de corpo e alma à pesquisa, e ‘fazer pesquisa com o corpo todo’ Kendall (2009), assumindo a compreensão e o empreendimento científico como experiências mundanas, que transbordam os limites da teoria. Como muito apuradamente explica Schwandt (2007; 200), “a compreensão é ela mesma um tipo de experiência prática “no” e “sobre” o mundo.”

Como assertivamente acredita a escritora Susan Sontag a respeito do olhar interpretativista da ciência lançado à arte “Em vez de uma hermenêutica, precisamos de uma erótica da arte” (Sontag, 1987, p. 23). Talvez invés de uma etnografia, ou etnografia lingüística, como é o caso da pesquisa aqui descrita, precisemos de uma erótica dos símbolos, de uma metodologia que ainda não tem nome, híbrida, interdisciplinar e principalmente indisciplinar, crítica, transgressiva. Um método sempre sem nome porque nunca está pronto, nunca está completo. Uma metodologia que se reconhece flexível, e que reconhece em sua flexibilidade e dinamismo suas maiores riquezas. Uma metodologia que acredita nas sensações como produção de inteligibilidade e que aposta no desejo e no erotismo como fontes de inspiração. Uma metodologia que prefere o tesão à tese, ou melhor, que privilegia os tesões em detrimentos das teses.

## BIBLIOGRAFIA

- ALTORK, W. Walking the fire line: the erotic dimension of the fieldwork experience. In: KULLICK, D. & WILSON, M. (Ed.) *Taboo: sex, identity and erotic subjectivity in anthropological fieldwork*. New York: Routledge, 1996 [1995] p.107-139.
- ALVES-MAZZOTTI, Al. J.e GEWANDSZNAJDER, F. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. 2ª. Ed. São Paulo: Editora Pioneira, 1998.
- AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer. Palavras e ação. Conferência 2*. Trad. Danilo Marcondes. Porto alegre: Artes Médicas 1990 [1962].
- BOLTON, R. Tricks, friends and lovers: erotic encounters in the field In: KULLICK, D. & WILSON, M. (Ed.) *Taboo: sex, identity and erotic subjectivity in anthropological fieldwork*. New York: Routledge, 1996 [1995] p. 140-167.
- BROCKMEIER, J. & OLSON, D. R. The literacy episteme: from Innis to Derrida. In: OLSON, D. R. & TORRANCE, N. *The Cambridge*

- Handbook of Literacy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- BUTLER, J. *Undoing gender*. New York: Routledge, 2004 [1991].
- BUTLER, J. *Bodies That Matter: on the discursive limits of "sex"*. New York: Routledge, 1993.
- DEBORD, G. *La Société du Spectacle*. Paris: Buchet/Chastel, 1967.
- DESCARTES, R. *Meditações sobre filosofia primeira*; Trad. Fausto Castilho; Ed. da Unicamp; Campinas, 2004 [1641].
- FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescritções em curso. In: MOITA LOPES, L.P. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada (In)disciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- FRAGOSO, S. RECUERO, R. AMARAL, A. *Métodos de Pesquisa para Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- FRIDMAN, M. *Vertigens pós-modernas: configurações institucionais contemporâneas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- KENDALL, L. How does issues of gender and sexuality influence the structures and processes of qualitative internet research? In: MARKHAM A. & BAYM, N (Ed.) *Internet inquiry: conversations about method*. Los Angeles, Sage Publications, Inc, 2009.
- MOITA LOPES, L. P. Uma Linguística Aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como lingüista aplicado In: MOITA LOPES, L.P. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada (In)disciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- MORENO, E. Rape in the field: reflections from a survivor. In: KULLICK, D. & WILSON, M. (Ed.) *Taboo: sex, identity and erotic subjectivity in anthropological fieldwork*. New York: Routledge, 1996 [1995] p. 219-250.
- MORSE, Janice. “Emerging from the Data”: the cognitive process of analysis in qualitative inquiry. In MORSE, J. (Ed.) *Critical Issues in Qualitative Research Methods*. London: Sage. 1994.

- NUNAN, David. *Research Methods in Language Learning*. Cambridge University Press, 18a. Ed., 2008 [1992].
- PENNYCOOK, A. Uma Linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada (In)disciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- PERLONGHER, N. *O negócio do michê*. São Paulo. 2ª Edição. Ed. Fundação Perseu Abramo, 2008.
- SIBILIA, P. *El artista como espetáculo: autenticidad y performance em la sociedad mediática*. Revista Dixit 7/2013.
- SOUZA, P. *Confidências da carne*. Ed. Unicamp, Campinas, 1994.
- SCHWANDT, T. A. Três Posturas Epistemológicas para a investigação qualitativa-Interpretivismo, hermenêutica e construcionismo social. In N. K. DENZIN & Y. S. LINCOLN (Eds.), *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2ª. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- SONTAG, S. *Contra a Interpretação*. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- SUNDÉN, J. Response to Lori Kendall. In: MARKHAM A. & BAYM, N (Ed.) *Internet inquiry: conversations about method*. Los Angeles, Sage Publications, Inc, 2009.
- WENGER, E. *Community of practice: learning, meaning and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- WORTHAM, S. *Narratives in action. A strategy for research and analysis*. Nova York: Teacher's College Press, 2001.
- ZAGO, L. & SANTOS L. *Corpo, gênero e sexualidades gays na corda bamba ético-metodológica: um percurso possível de pesquisa na internet*. in: Cronos: Natal, v. 12, n. 2, p. 39-56, jul./dez. 2013.